

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O TRILHO DO GATO – WILLIAM A. WELLMAN
10 e 28 de Novembro de 2025

STINGAREE / 1934
(Bandoleiro do Amor)

Um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman / Argumento: Becky Gardiner, Lynn Riggs e Leonard Spigelglass, baseado numa história de E.W. Hornung / Direcção de Fotografia: James Van Trees / Guarda-Roupa: Walter Plunkett / Música: Max Steiner / Som: John E. Trilby / Montagem: James Morley / Interpretação: Irene Dunne (Hilda Bouverie), Richard Dix (Stingaree), Mary Boland (Mrs. Clarkson), Conway Tearle (Sir Julian Kent), Andy Devine (Howie), Henry Stephenson (Mr. Clarkson), Una O'Connor (Annie), George Barrard (inspector Bradford), Reginald Owen (governador), Snub Pollard (Victor), etc.

Produção: RKO / Produtor: Pandro S. Berman / Cópia: DCP, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 76 minutos / Estreia em Portugal: Odeon e Palácio, a 27 de Novembro de 1935.

Este período de meados dos anos 30 corresponde ao tempo em que William Wellman vivia plenamente a vida de realizador a contracto, espécie de “freelancer” a ganhar à peça. Não trabalhava em projectos de iniciativa pessoal, nem em projectos que tivesse muitas maneiras de tornar pessoais. Aceitava o trabalho, filme a filme, que lhe ofereciam, e quase sempre para produtores independentes ou pequenos estúdios (como era a RKO, produtora para quem filmou **Stingaree**). O seu pragmatismo veloz, a que já aludimos noutras “folhas”, começava a criar-lhe mais problemas do que os que resolvia: na rodagem do filme anterior, **Looking for Trouble**, envolvera-se numa cena de pancadaria com um assistente de realização que, segundo ele, não era “suficientemente despachado” (foi durante essa cena que se deu o episódio da pistola que referimos na folha de **Night Nurse**). Pior, porque teve muito mais eco, foi o desentendimento com Spencer Tracy, vedeta desse filme. Os dois antipatizaram mutuamente desde o primeiro momento, atazanaram-se durante a rodagem toda, e já depois de terminadas as filmagens encontraram-se fortuitamente no mesmo bar – presume-se que o álcool tenha ajudado, mas Wellman e Tracy envolveram-se numa cena de pugilato tão tremenda que só acabou quando a polícia chegou (um dia, se calhar, perceberemos que as bulhas dos filmes de John Ford são uma coisa bem realista...).

Estes episódios são contados por Frank Thompson na sua biografia do realizador, que também nos diz que este “período intermédio”, não particularmente feliz, na carreira de Wellman, só começou a ver um fim em 1935, quando Zanuck o contractou para dirigir **The Call of the Wild**, filme que ele, obviamente, adorou fazer do primeiro ao último momento, e significou o princípio de algo semelhante a uma reabilitação – a alcunha de “Wild Bill” por que por esta altura já era conhecido não significava necessariamente um elogio, pelo menos na época.

Mas até lá, Wellman foi vivendo neste registo de pau para qualquer obra. O caso de **Stingaree**, um muito agradável “veículo” para Irene Dunne mas um filme inapelavelmente menor, foi um desses. A história tem curiosidades, desde logo a implantação narrativa na Austrália (a personagem de Stingaree baseia-se num “folk hero” australiano, espécie de Robin dos Bosques dos antípodas), e há qualquer coisa dessa marginalidade geográfica que passa para o sentido narrativo do filme, que é a história de um homem que quer conquistar o “centro” – ou aquilo que ele vê como o centro cultural e social do mundo, a Europa, mais as suas tradições operáticas e os prestigiados auditórios espalhados pelas principais capitais europeias. Stingaree, que usa os seus recursos para promover os dotes de canto lírico da mulher que ama, Hilda, aparece, portanto, como uma espécie de pré-citizen Kane, com a diferença fundamental de, neste caso, a cantora não ser anedótica, ter mesmo talento e ser realmente bem sucedida.

Tanto que, apesar de ser a personagem que dá nome ao filme, o Stingaree de Richard Dix passa muito tempo na sombra de Irene Dunne, a real vedeta do filme. Dunne, sempre com aquela leve neurastenia, aquela ligeira renitência, que fazem dela uma das poucas actrizes admissíveis numa “escola Garbo”, absorve a atenção da câmara desde o momento em que primeiro aparece, descoberta numa quinta algures na imensidão da paisagem australiana (ou pseudo-australiana, porque obviamente não se foi filmar à Austrália). Entre o filme de aventuras (o gang de Stingaree, onde pontifica um impagável futuro fordiano, Andy Devine) e o melodrama romântico, essa “ligeira renitência” é mesmo o sentimento maior do filme, é a razão de ser da personagem – que no final troca o fausto do circuito operático europeu pela vida aventureira ao lado do seu amado Stingaree. Claro que não é propriamente uma “mensagem” muito progressista, mas se a virmos pelo lado da auto-determinação (é *ela* que escolhe e a sua *escolha* é a que lhe quebra a renitência), se calhar até é mais progressista do que parece. Em todo o caso – naqueles pequenos momentos de pura encenação, pura “mise en scène”, que fazem viver o filme – a cena final, a cavalcada para se juntar a Stingaree, é uma expressão poderosa, vigorosa, de um sentimento de liberdade, e é o tipo de coisa que Wellman sabia filmar com uma energia que transcende – eleva – a própria natureza narrativa do material que tinha para filmar.

Luís Miguel Oliveira